

Relato de experiência



As dobras do origami: reflexões sobre a implicação em pesquisa

The origami's folds: reflections about the implication in research

Los pliegues del origami: reflexiones sobre la implicación en investigación

Eliane dos Santos Teixeira 

Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca ENSP/FIOCRUZ (Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, Brasil. teixeirae1207@gmail.com

RESUMO | INTRODUÇÃO: A análise da implicação na pesquisa se opõe a uma suposta neutralidade resultante do afastamento do objeto, porque o/a pesquisador/a coloca a sua subjetividade em análise, o contexto histórico-social da pesquisa, assim como, a intersubjetividade de todos os envolvidos nela. A implicação integra o processo de construção do conhecimento na busca de maior compreensão dos fenômenos, sendo um dos conceitos fundamentais da psicossociologia. **OBJETIVO:** O presente estudo objetiva apresentar um relato de experiência sobre a análise da implicação em uma pesquisa clínico-qualitativa respaldada teórico-metodologicamente pela psicossociologia francesa e psicodinâmica do trabalho. Essa investigação ocorreu entre 2018 e 2022, tendo se dado parcialmente no período da pandemia da COVID-19. **METODOLOGIA:** Empregaram-se os seguintes dispositivos como método de análise da implicação: os diários de campo, as supervisões, as reuniões de equipe, a participação em um grupo de convivência e a psicoterapia individual. Assim, a pesquisadora procurou abordar os seus afetos e sentimentos envolvidos ao longo das etapas da pesquisa. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foi possível, pois, evidenciar a implicação como fonte, paradoxalmente, de processos criativos e, em alguns casos, também de alienação. **CONCLUSÃO:** Apesar da identificação de alguns destes aspectos negativos da implicação da pesquisadora, se pode ampliar o conhecimento sobre o objeto da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVES: Pesquisa Qualitativa. Intersubjetividade. Profissionais da Saúde.

ABSTRACT | INTRODUCTION: The implication analysis is opposed to a supposed neutrality because the researcher analyzes his own subjectivity, his historical and social context, as well as the intersubjectivity of the actors involved in a research. Implication analysis is one of the fundamental concepts of psychosociology. It enables one to understand phenomena and builds knowledge. **OBJECTIVE:** The present study aims to present an experience report about an implication analysis of a clinical-qualitative research that was based on French psychosociology and psychodynamics of work theory and methodology. This investigation happened from 2018 to 2022, partially carried out during the COVID-19 pandemic. **METHOD:** There were used the following resources to access the implication analysis: dailies, supervisions, team meetings, participation in a reflection group, and individual psychotherapy. Thus, the researcher related feelings and affections involved in each one of the research stages. **RESULTS AND DISCUSSION:** This study highlighted the implication as a source that paradoxically allows creative processes but also, in some cases, alienation. **CONCLUSION:** Despite some negative aspects of the implication researcher, it was possible to expand the knowledge about the research object.

KEYWORDS: Qualitative Research. Intersubjectivity. Health Professionals.



RESUMEN | INTRODUCCIÓN: El análisis de la implicación en la investigación se opone a una supuesta neutralidad resultante de la distancia del objeto porque el investigador analiza su propia subjetividad, el contexto histórico-social de la investigación, así como la intersubjetividad de todos los involucrados en la investigación. La implicación forma parte del proceso de construcción del conocimiento en la búsqueda de una mejor comprensión de los fenómenos, siendo uno de los conceptos fundamentales de la psicología. **OBJETIVO:** Este estudio tiene como objetivo presentar un relato de experiencia sobre el análisis de la implicación en una investigación clínico-cualitativa sustentada teórica y metodológicamente por la psicología francesa y la psicodinámica del trabajo. Esta investigación se llevó a cabo entre 2018 y 2022, habiéndose realizado parcialmente durante el período de la pandemia de COVID-19. **MÉTODO:** Se utilizaron como método de análisis de la implicación los siguientes dispositivos: diarios de campo, supervisiones, reuniones de equipo, participación en un grupo de convivencia y psicoterapia individual. Así, la investigadora buscó abordar sus afectos y sentimientos involucrados a lo largo de las etapas de la investigación. **RESULTADOS Y DISCUSIÓN:** Este estudio destacó la implicación como fuente, paradójicamente, de procesos creativos y, en algunos casos, alienación. **CONCLUSIÓN:** A pesar de la identificación de algunos de estos aspectos negativos de la implicación de la investigadora, se logró ampliar el conocimiento sobre el objeto de investigación.

PALABRAS CLAVE: Investigación Cualitativa. Intersubjetividade. Profesionales de la Salud.

Introdução

O presente estudo objetiva apresentar um relato de experiência sobre a análise da minha implicação em uma pesquisa clínico-qualitativa desenvolvida entre os anos de 2018 e 2022. Dessa maneira, procuro focar em alguns elementos da pesquisa que usualmente não costumam ser mencionados e acabam por ser relegados aos “bastidores” de uma investigação como algo periférico e de menor importância.

É relevante destacar que o trabalho em questão faz parte do processo avaliativo para obtenção do título de doutora em Saúde Pública no ano de 2022, o que significa que foi realizado, em parte, no período da pandemia de COVID-19. O fato de ter sido uma vivência de trabalho concernente à saúde dos trabalhadores da saúde, justamente em um contexto pandêmico, acabou sendo incorporado ao trabalho de investigação e, conseqüentemente, à análise da minha implicação com este estudo (Teixeira, 2022¹).

A pesquisa citada versou sobre o retorno dos trabalhadores de saúde após afastamento por adoecimento psíquico em um hospital público especializado em oncologia. Tratou-se de uma experiência especialmente desafiadora atuar junto a trabalhadores de saúde tão vulneráveis em face de todo o processo vivenciado desde o seu adoecimento psíquico até o momento de volta ao trabalho (Teixeira, 2022). Toda a investigação foi norteada, tanto teórica quanto metodologicamente, pela psicossociologia francesa e pela psicodinâmica do trabalho. A psicossociologia francesa se constitui um “conjunto de práticas de intervenção e de pesquisa que incidem nas problemáticas de sujeitos em situações sociais [...]” (Barus-Michel, 2005, p. XVI). Apresenta, pois, uma orientação predominantemente voltada para o sofrimento e a produção de sentidos, do ponto de vista epistemológico (Barus-Michel, 2005).

A psicodinâmica do trabalho, por sua vez, foi desenvolvida por Christophe Dejours, tendo sido assim conceituada em função do objeto desta disciplina. O centro dessa disciplina não é a dinâmica intrapsíquica, como na psicanálise, mas a psicodinâmica do trabalho, isto é, os processos intersubjetivos que se estabelecem nos locais de emprego. De acordo com Dejours (2012), o real do trabalho não se restringe ao cumprimento de uma dada atividade ou tarefa, pois através deste é possível engajar a nossa subjetividade. Para este autor, trabalhar é poder experimentar resistência ao mundo das relações sociais, um mundo caracterizado por relações de iniquidades, poder e dominação. Ambos os marcos teórico-conceituais (psicossociologia francesa e psicodinâmica do trabalho) têm em comum uma ênfase na intersubjetividade.

¹Tese de Doutorado da autora que se encontra nas Referências do presente artigo.

Vale enfatizar que, na perspectiva clínico-qualitativa, o próprio pesquisador é considerado sujeito do inconsciente. O psicossociólogo, quer “pratique pesquisa-ação, consulta ou intervenção, coloca em campo a sua própria subjetividade, a das pessoas junto das quais venha a intervir, assim como múltiplas relações de intersubjetividade” (Amado, 2005, p. 281). De acordo com Barus-Michel (2005), o cerne da experiência do psicossociólogo se encontra entre a clínica e o sentido, em um esforço de interpretação e elaboração.

A abordagem psicossociológica busca superar o dualismo sujeito/objeto, reconhecendo a importância do inconsciente e da intersubjetividade na produção do conhecimento (Sá, 2013). Ao analisar a sua implicação na pesquisa, portanto, o pesquisador é convidado a lançar um olhar não apenas para as suas motivações para realizá-la, mas às relações interpessoais estabelecidas com os sujeitos e todo o campo de estudo (grupos, instituição, etc.), assim como, ao contexto sócio-histórico que o perpassa. Assim, o trabalho de análise da implicação está longe de ser um processo solipsista, outrossim, se trata de um processo de aprofundamento da análise dos resultados de uma pesquisa a partir da sua dimensão intersubjetiva.

A implicação e seus destinos

O termo “implicação” é oriundo etimologicamente da raiz grega “*plek*” e se encontra inserida tanto no verbo latino “*implicare*” (dobrar) quanto no “*complectere*” (entrelaçar) (Amado, 2005). Entendo que ambos os sentidos remetem à ideia de que o trabalho de análise da implicação pode se dar por meio de um processo próximo à confecção de um origami, conforme descrito por Hayasaka e Nishida (2008) que assinalam que o origami é uma arte secular japonesa em que se criam representações a partir de figuras geométricas, feitas através de dobraduras em uma única peça de papel, sem cortes, colagens ou desenhos. O sujeito, assim, se debruça para analisar a si mesmo, escrutinando e observando o quanto se encontra entrelaçado ao seu objeto de pesquisa. E prossegue neste processo de realização de dobraduras sobre si, até chegar ao ponto de transformar a matéria-prima original em novas configurações.

A concepção de implicação começou a ser trabalhada por René Lourau e Georges Lapassade em situações de intervenção chamadas de socioanálise, em que se

analisavam as implicações tanto daqueles que coordenavam quanto dos que participavam dos grupos. Uma visão que faz oposição à abordagem positivista de neutralidade científica focada em um suposto afastamento do objeto. A análise institucional vai “falar do intelectual implicado, definido como aquele que analisa as implicações de suas pertencas e referências institucionais, analisando também o lugar que ocupa na divisão social do trabalho na sociedade capitalista, da qual é um legitimador por suas práticas” (Coimbra & Nascimento, 2008, p. 144).

É importante destacar que a psicossociologia tem a ver com a implicação e a mudança baseadas em uma escuta clínica do social, propiciando a construção coletiva de sentidos (Braz et al., 2020). Sá (2013), por sua vez, discute os três pilares da Metodologia Clínico-Qualitativa de Pesquisa em Saúde descritas por Eriberto Turato (2013) no tocante à postura do investigador frente aos sujeitos de pesquisa, a saber: uma atitude existencialista (valorização da angústia e ansiedade presentes no pesquisador e no sujeito); uma atitude clínica (desejo do pesquisador de acolher o sofrimento dos sujeitos); e uma atitude psicanalítica (atenção aos sentimentos transferenciais e contratransferenciais). Destarte, a dimensão clínica é fundamental na investigação psicossociológica e se encontra imbricada com a implicação do pesquisador. Como assinala Sévigny (2001) no que diz respeito ao clínico em ciências humanas, a sua implicação não é neutra do ponto de vista de valores e lutas socioeconômicas. O referido autor, inclusive, ressalta que essa não neutralidade se constitui um aspecto fundamental na relação pessoal do clínico com os grupos com os quais interage.

Quando o pesquisador escolhe o objeto de sua investigação passa, assim, a se dedicar a um estudo que não é indiferente para ele, nem do ponto de vista afetivo, nem do ponto de vista de seu contexto histórico-social. Souza e Paula (2021), inclusive, assinalam que a identidade do pesquisador se constrói a partir da relação com esse contexto. Dessa maneira, saliento a afirmativa de Amado (2005) quando diz que a subjetividade somente se torna fonte de “erros incontrolláveis” quando é negligenciada pelo investigador. Ao explicitar o que o afeta, o pesquisador tem a possibilidade de reconhecer as suas identificações e as suas projeções, clareando o que lhe pertence do ponto de vista psíquico e o que diz respeito efetivamente aos resultados da investigação.

Sá (2013), do mesmo modo que Nunes e Silva (2018), apoiados na visão de Barus-Michel, sinalizam que a implicação integra o processo de construção do conhecimento, necessária para a compreensão do fenômeno e do sujeito da pesquisa, nos possibilitando o acesso ao explícito e ao subentendido. Esses elementos reafirmam a relevância da análise da implicação para o próprio campo das ciências. Sá (2013), ainda respaldada em Barus-Michel, afirma que esta autora, ao discutir a problemática clínica, trata a implicação e a contratransferência como base dos processos de “homostesia”, na relação entre o clínico e o sujeito, principalmente porque nas ciências humanas, o observador e o observado são da mesma natureza, ou seja, estabelecem uma relação especular já que não há uma diferenciação entre o sujeito e o objeto. Sá (2013), portanto, esclarece que a homostesia são os processos de identificação, centrais nas relações intersubjetivas, comuns no processo de trabalho em saúde, na pesquisa e nas intervenções psicossociológicas.

No campo da metodologia de pesquisa clínico-qualitativa, Turato (2013) afirma que o sujeito é definido como qualquer pessoa relacionada às questões da saúde e aos sentidos que atribui aos fenômenos vinculados à questão da saúde-doença. Ainda segundo esse autor, este sujeito da pesquisa pode ser o indivíduo que “porta” o problema ou o profissional da saúde que trata do problema, ou mesmo aqueles que convivem com o problema (familiares, grupos, comunidade, etc.).

De acordo com Lourau (apud Rodrigues, 2007), nós sentimos como extremamente dolorosa a análise de nossas implicações, ou seja, a análise dos espaços que ocupamos ativamente no mundo. Portanto, na direção da afirmativa desse autor, a análise da minha implicação, durante a realização da pesquisa, exigiu uma necessária disposição psíquica para tal, de modo que fosse possível analisar os impactos de afetos (de diferentes matizes) emergentes ao longo de todo o processo de realização desse trabalho.

Barus-Michel (2005) enfatiza que a clínica exige a análise da implicação por parte do profissional, uma vez que essa perspectiva pressupõe uma sensibilidade peculiar tanto em relação ao outro quanto em relação aos outros instituídos como sujeitos — os sujeitos

de desejo com dificuldades de reconhecimento e de sentido. No entanto, ainda segundo essa autora, tal iniciativa demanda uma atenção metodológica de um trabalho clínico sobre ele mesmo. A análise da implicação apresenta, como contrapartida, um esforço de distanciamento a partir do dispositivo que estrutura a situação, através de uma explicação do contrato, do estabelecimento de regras que codificam a relação.

Pode-se dizer, então, que se trata de um trabalho que pressupõe um movimento duplamente alteritário pelo pesquisador. De um lado, esse pesquisador efetua um deslocamento em direção aos indivíduos da pesquisa, escutando e examinando o quanto o outro o afeta. E, de outro lado, pressupõe que ele faça um movimento em relação a um terceiro com quem possa compartilhar e compreender as suas vivências, sentimentos provocados pelos sujeitos e o campo de pesquisa.

O contexto social e sanitário e a implicação da pesquisadora com o processo da pesquisa

A pesquisa que motivou o presente artigo teve como objetivo geral analisar como se dá o processo de retorno ao trabalho dos profissionais da saúde que precisaram ser afastados em decorrência da licença médica por depressão, em hospital público de saúde (Teixeira, 2022). É importante ratificar o que já havia sido mencionado anteriormente que, como se não fosse suficientemente desafiador realizar uma pesquisa com trabalhadores da saúde que haviam retornado de licença psiquiátrica, um fato inusitado aconteceu com proporções alarmantes: precisei atravessar parte deste curso de doutorado em um contexto sanitário como o da pandemia da COVID-19.

O contexto pandêmico trouxe impactos psicossociais indelévels sobre todos nós. Por esse motivo, essa pandemia acabou sendo incorporada como importante componente para a reflexão sobre a minha implicação e a análise dos resultados da pesquisa. Afinal, a pandemia e seus desdobramentos perpassaram as vivências da pesquisadora, dos trabalhadores, seus processos de trabalho e relações interpessoais, assim como, os dispositivos grupais e todos os atores da instituição (gestores e não gestores).

A pandemia da COVID-19 mobilizou em nós temores reais e imaginários em torno da morte e do luto. Como afirmam Sá et al. (2020), a pandemia ratificou o “potencial disruptivo” (p. 29) do imaginário de autossuficiência das sociedades neoliberais, explicitando o que há de descontrole em relação à sociedade e a nós mesmos. Porque a “violência e as angústias acompanham as mudanças resultantes dos acontecimentos catastróficos” (Sá et al., 2020, p. 33). Além disso, o contexto político-social brasileiro de total negação da ciência, assim como, de negação das medidas sanitárias preconizadas pela Organização Mundial da Saúde foram aspectos que contribuíram para que eu sentisse uma insegurança desmedida na capacidade de nós, brasileiros, virmos a superar tamanha crise. Uma vez que me encontrava na academia, os ataques dirigidos à ciência eram entendidos também como ataques indiretos ao meu próprio trabalho e à minha identidade profissional.

Frente a este cenário, questionei se o meu projeto acadêmico seria compatível com a vida tal qual ela se apresentava naquele momento, principalmente considerando a realidade tão complexa de uma unidade hospitalar. De mais a mais, me causou certa irritação ser demandada institucionalmente a dar conta de formalidades acadêmicas enquanto o mundo parecia que iria literalmente acabar, pelo menos do jeito que nós o conhecíamos. Eu me indagava, portanto, se não seria um momento pouco propício para ocupar o tempo dos trabalhadores com uma pesquisa enquanto eles precisavam sobreviver à correnteza de urgências e emergências de trabalhar, no campo da saúde, durante a pandemia.

Aliás, houve momento de eu chegar a duvidar se deveria prosseguir efetivamente com todo o esforço para dar conta dessa atividade acadêmica. Porém, paulatinamente, pude entender a importância das demandas do doutorado do ponto de vista subjetivo, como uma forma de me dar algum “contorno” às minhas próprias angústias, mitigando-as um pouco diante de tantas incertezas. Além disso, é interessante pensar que talvez, para alguns trabalhadores, participar dessa pesquisa possa ter tido um sentido similar, ou seja, ter atuado como um espaço, em meio ao cenário caótico de tantas demandas eclodidas pela pandemia, em que eles puderam dar expressão e enquadre às suas vivências.

Uma vez tomada a decisão de dar continuidade à pesquisa, eu e minha orientadora decidimos que eu deveria seguir um caminho menos arriscado, do ponto de vista sanitário, tanto para mim quanto para o meu núcleo familiar, que permanecia em casa conforme as recomendações sanitárias vigentes. Assim, decidimos que eu abriria mão do trabalho presencial, substituindo-o pela realização do trabalho de campo remoto (inclusive, essas alterações metodológicas foram devidamente submetidas e aprovadas pelos Comitês de Ética, respectivamente, das instituições proponente (35248820.8.0000.5240) e coparticipante (35248820.8.3001.5274)). Cabe ainda esclarecer que quando este novo rumo metodológico foi adotado ainda não havia imunização disponibilizada, bem como as perspectivas para ser iniciada a aplicação de vacinas contra a COVID-19 na população, no ano seguinte, ainda eram remotas, no Brasil. Precisei, então, tendo em vista aquelas circunstâncias, deixar de lado a ideia de realização de grupos focais e observação de participantes previstas no projeto metodológico original, o que me deixou não apenas bastante frustrada, mas com um sentimento de perda. Tive receio de que esta mudança metodológica pudesse comprometer parcialmente os resultados do estudo. Todavia, em meio a tantas outras frustrações de ordem pessoal, compreendi que era necessário arcar com mais essa frustração, algo mínimo face à dimensão da catástrofe sanitária e psicossocial que vivíamos.

Na abordagem da psicodinâmica do trabalho, aquilo que se expressa como forma de sofrimento constitui um processo saudável de lidar com as pressões impostas pelo trabalho, portanto, “o que faz as pessoas viverem é o desejo e não só as satisfações. O verdadeiro perigo é quando o desejo não é mais possível [...]” (Dejours, 1993, p. 101). Porém, a meu juízo, o trabalho não é construído e nutrido apenas pelo desejo, mas também pela plasticidade de o sujeito lidar com os desvios e barreiras a este desejo, construindo pontes para a realização das suas atividades. A partir da concepção dejouriana sobre o trabalho, sou interpelada a entender que também todo o meu processo de trabalho nesta pesquisa foi permeado pela busca de compreensão acerca dos desvios que precisei realizar ao meu desejo face ao real do trabalho, ou seja, frente aos fracassos e obstáculos emergentes durante a sua execução.

Voltando à pesquisa propriamente dita, entrevistei remotamente 19 profissionais de saúde vinculados ao núcleo de saúde dos trabalhadores, à assistência direta e à gestão de equipes da assistência de um hospital público oncológico. Entre esses 19 sujeitos de pesquisa, quatro se encontravam em situação de retorno ao trabalho, ou seja, em readaptação (com alguma restrição em relação à atividade laboral) ou sem restrições. Uma vez que o servidor esteja em situação de readaptado, a investidura dele será em cargos cujas atribuições e responsabilidades serão compatíveis com a limitação que tenha sofrido, em sua capacidade física ou mental, avaliada através de perícia médica. Para garantir o máximo de privacidade e sigilo a todos os participantes da pesquisa, como de praxe em pesquisas, atribuí nomes de rios aos sujeitos e ao campo de pesquisa (instituição hospitalar).

As entrevistas individuais, que foram inicialmente previstas para serem feitas apenas com aqueles em processo de retorno ao trabalho, foram estendidas e realizadas com todos os sujeitos que participariam dos grupos focais na metodologia original (os trabalhadores da assistência e gestão do cuidado em geral, além de profissionais do núcleo de saúde dos trabalhadores). Para tanto, utilizei uma conhecida plataforma de videochamadas que, apesar da minha apreensão, não chegou a ser um problema para nenhum dos participantes da pesquisa, os quais se mostraram à vontade no manuseio dessa ferramenta.

Outro aspecto que me deixava, outrossim, apreensiva era se eu, enquanto pesquisadora, e os participantes da pesquisa conseguiríamos estabelecer vínculo de confiança, considerando a impossibilidade de encontros presenciais. Foi com essa preocupação e cuidado que, em todas as vezes que me apresentei aos participantes, procurava falar da minha atuação no Sistema Único de Saúde (SUS). Além do mais, costumava esclarecer que aquela atividade também se tratava de uma novidade para mim, o que me parece ter deixado alguns desses indivíduos um pouco mais à vontade para se expressar espontaneamente. A garantia do sigilo acerca do que seria abordado e a necessidade de eles buscarem um espaço com privacidade no qual pudessem participar da chamada de vídeo foram aspectos ressaltados com cada um dos entrevistados.

Além disso, no final de cada entrevista, me disponibilizava para novos momentos de conversas fora

daquele espaço, caso considerassem importante e/ou necessário. Sempre procurei também estar mais atenta àqueles sujeitos que se encontravam em situação de retorno ao trabalho, já que haviam passado por forte sofrimento psíquico, enviando mensagens (posteriormente às entrevistas) para obter notícias. Um dos entrevistados chegou a me procurar para uma conversa telefônica sobre alguns pontos abordados na entrevista que havia lhe suscitado algum nível de angústia. Na psicossociologia, o trabalho de elaboração e simbolização permite reforçar a possibilidade de agir sobre situações problemáticas e desenvolver potencialidades “sufocadas do ato”, de modo que o sujeito possa “inventar sua relação singular com a realidade e construir com os outros um trabalho mais humano” (Lhuillier, 2017, p. 309).

Portanto, nesse mundo virtual, pude me aproximar dos participantes na intimidade de seus lares ou nos respectivos serviços. Cheguei a ouvir a buzina estrondosa da motocicleta do vizinho de um dos entrevistados (“Fulano está chegando”, comentou sorrindo). Pudemos rir juntos (eu e o entrevistado) da imagem do rabo de um gato acariciando a tela do computador (“Ele quer participar...”, comentou sobre o bichano que teimava em se manter perto de sua tutora enquanto esta era entrevistada). Do mesmo modo que, nos locais de trabalho, tivemos o momento da entrevista interrompido algumas vezes em função de batidas na porta por pacientes e acompanhantes, ou mesmo, por colegas precisando buscar algum material na sala, etc.

Da minha parte, do outro lado da telinha, eu “acolhi” a todos os entrevistados em uma das áreas da minha casa. Houve quem chegasse a ver a “invasão” de “insetos da luz” (comuns no Rio de Janeiro durante o mês de setembro), disputando a tela do computador comigo, se emaranhando em meus cabelos e gerando alguns momentos cômicos. Enfim, uma distância geográfica estreitada pela internet através de momentos compartilhados entre mim e os sujeitos da pesquisa, borrando as fronteiras entre o público e o privado.

[Barus-Michel](#) (2005) assinala que a prática do psicossociólogo se encontra entre a clínica e o sentido. Uma prática que se preocupa em escutar os sujeitos e em que o pesquisador é tido como um “participante discreto”, um “analista disponível que está também em condições de recolher a experiência, a sua expressão, os seus traços, de compreender as suas sinuosidades, de conduzir a sua evolução” (p. 242). Ficou

evidenciado, assim, que essa escuta não necessariamente acontece exclusivamente na presença física do outro. A escuta pode ser intensa e espontânea, mesmo remotamente, desde que o pesquisador esteja disponível para tal. Além de tudo, faz-se necessário que o pesquisador se indague o quanto o material coletado pode afetá-lo, tanto emocionalmente quanto normativamente, antes de decidir acerca da sua pertinência ou não (Souza & Paula, 2021).

Chamo a atenção para todos os aspectos tratados, até então, que podem vir a ser entendidos como ressonâncias da implicação da pesquisadora com o processo de pesquisa e os entrevistados. Entretanto, o dispositivo de entrevista, por si só, não tem impacto sem a implicação e o desejo de todos os sujeitos envolvidos, isto é, pesquisadores e participantes. Portanto, cabe sublinhar que as pessoas que aceitaram participar do estudo também sustentaram um desejo de realizar esta atividade, já que nem eu, nem a instituição oferecemos recursos materiais para que tal acontecesse, com exceção do link de acesso à plataforma de chamadas de vídeo. A internet da instituição é precária e os computadores, nas salas de atendimento e reuniões, não contam com câmeras de vídeos. Isso significa que todos que participaram empregaram seus celulares, computadores e internet pessoais. A implicação é, assim, mútua e se reflete no modo como os indivíduos concordaram em participar da pesquisa, como se observa, por exemplo, no fato de todos aqueles que eu contactei, terem aceitado participar com boa vontade, a ponto de eu ter entrevistado pessoas em início de férias ou em seus dias e horários de folga.

A meu ver, foi muito importante o retorno que obtive de alguns dos participantes de que esse momento de entrevista havia possibilitado levantar questões que não haviam sido cogitadas anteriormente, dadas à rotina de urgência do cotidiano de trabalho. O momento das entrevistas se tornava para eles uma oportunidade de olhar para a própria atividade, avaliar seus passos, refletir sobre os processos de trabalho, o que, por insuficiência de espaços institucionais para tal, raramente acontecia. Se as reuniões formais já eram consideradas escassas, a partir da pandemia, se tornaram ainda mais raras. Sendo assim, com base em um viés psicossociológico, procurei estabelecer um olhar clínico, sensível ao contexto vivido, valorizando os sentimentos, angústias e expectativas dos entrevistados, o que ratifica a premência da análise da implicação, como assinala Barus-Michel (2005).

De acordo com Barus-Michel (2005), a perspectiva clínica pressupõe uma sensibilidade ao outros e aos outros instituídos enquanto sujeitos, ou seja, aqueles sujeitos de desejo que encontram dificuldades de reconhecimento e de sentido. Entretanto, essa iniciativa clínica demanda uma atenção metodológica não menos rigorosa, um olhar e um trabalho clínico sobre si próprio. A análise da implicação apresenta “como contrapartida o esforço de uma distanciação garantida pelo dispositivo que estrutura a situação, explicitação do contrato, regras que codificam a relação, princípios deontológicos” (p. 244).

Tendo em vista que todos nós atravessávamos o período crítico da pandemia, mais do que nunca, eu precisava me manter atenta para não me colar às identificações com cada um dos trabalhadores e, por esse motivo, foram indispensáveis o emprego de todos os dispositivos para análise da implicação anteriormente abordados.

Método

Os dispositivos individuais e grupais empregados na análise da implicação

O presente tópico aborda os métodos adotados para acessar a análise da minha implicação na (e pela) pesquisa abordada anteriormente. Cabe ressaltar que a minha implicação com esta pesquisa se iniciou a partir de reflexões em torno da minha prática como trabalhadora do campo da saúde, antes mesmo que eu tivesse me aproximado da academia.

Em alguns momentos do desenvolvimento deste trabalho, a minha história de vida, a história de vida dos indivíduos da pesquisa e o contexto histórico-social no qual estávamos mergulhados se imbricaram. Por isso, foi fundamental encontrar espaços em que eu pudesse buscar compreender a extensão desse processo de justaposições, identificações. Conforme observa Amado (2005), a partir do viés da implicação, se faz necessário que os psicossociólogos busquem um trabalho pessoal de natureza psicanalítica, assim como supervisões para melhor compreender as sutilezas de sua própria implicação e as variáveis em jogo para além das próprias dimensões pulsionais.

Portanto, a fim de analisar a minha implicação durante o processo de realização da pesquisa, adotei como método partir de alguns dispositivos individuais e grupais que me possibilitassem me debruçar sobre o objeto de estudo e a minha relação com ele. [Kroeff et al. \(2020\)](#) assinalam que o emprego de diários de campo como ferramentas de pesquisa viabiliza diferentes elementos da implicação do(a) pesquisador(a) com o campo investigado, porque se trata de uma modalidade de escrita que compreende a descrição dos procedimentos envolvidos no estudo, o modo como as atividades são desenvolvidas, assim como, as possíveis alterações que venham a ocorrer ao longo do desenrolar da pesquisa. Ademais, [Kroeff et al. \(2020\)](#) também enfatizam que os diários de campo podem servir como narrativa textual das impressões levantadas pelo(a) pesquisador(a).

Assim, o primeiro desses dispositivos que utilizei foi buscar os recursos mnemônicos envolvendo os fatos e as impressões pessoais registrados desde antes do delineamento do objeto, a partir dos registros que escrevi ainda no período que trabalhei em hospitais. Durante a elaboração do projeto e definição dos rumos que daria à pesquisa, além de resgatar esses meus escritos de trabalho, iniciei a elaboração de um diário de campo da pesquisa propriamente dita, na direção do que assinalam [Borges e Silva \(2020\)](#), quando afirmam que independentemente do tipo de diário (viagem, filosófico, institucional, formação, pesquisa, etc.), todos proporcionam, de certo modo, que aquele que o escreva se torne sujeito do processo de escrita.

O uso de diários de campo dá visibilidade a aspectos da implicação do pesquisador com o campo estudado, permitindo “acompanhar o movimento da atenção do(a) pesquisador(a) em relação aos fenômenos estudados” ([Kroeff et al., 2020](#), p. 467). Segundo [Pinheiro et al. \(2022\)](#), o diário apresenta a capacidade de revelar o não-dito institucional, a implicação do(a) pesquisador(a) e ainda propicia a compreensão do contexto em que os resultados aparecem.

Porém, por se tratar de uma ferramenta que incita profundas reflexões acerca da prática de pesquisa, acaba por expor os “bastidores” ou o “lado do avesso” dela. O fato de trazer à tona o que se encontra oculto nas pesquisas, pode levar aqueles que atuam com um ponto de vista positivista a não

reconhecerem a análise da implicação como uma ferramenta central no campo do estudo qualitativo. Nessa direção, segundo [Rodrigues \(2007\)](#) René Lourau afirma que os diários de grandes cientistas (Sándor Ferenczi, Ludwig Wittgenstein, Bronisław Malinowski) foram impedidos de serem publicados ao longo de muitos anos, por se tratarem de publicações que supostamente trairiam “o segredo” da produção intelectual já que: “tais textos relevam as implicações do pesquisador e realizam restituições insuportáveis à instituição científica [...] E é isso que não se deve dizer ou mostrar [...]” (p. 72). Aproximando-se dessa ideia, [Penido \(2020\)](#) destaca que comumente os diários dos pesquisadores costumam ocupar um lugar marginal em relação à pesquisa, impactando na redução da discussão sobre as condições de produção do estudo realizado.

A produção desses diários de campo me permitiu levantar hipóteses sobre diversas vivências acadêmicas e sobre o campo de pesquisa, reportar falas de professores e outros interlocutores que eu considerava relacionadas ao objeto trabalhado e, por fim, traçar comentários a partir de resenhas de estudos elaboradas por mim. Ainda nesses diários, busquei escrever sobre as minhas impressões, acessar músicas e poemas que me afetavam naquele contexto histórico-social, descrever alguns sonhos oriundos de produção inconsciente noturna e outros elementos do meu cotidiano de vida que eu considerava que seriam relevantes para a análise da implicação.

Em consonância com as assertivas de Lourau (apud [Rodrigues, 2007](#)) e [Penido \(2020\)](#), observo que a escrita dos meus diários de campo, muito além de guiar as minhas tomadas de decisões e me permitir realizar um planejamento em relação aos passos seguintes do trabalho, representou um importante meio de elaboração psíquica. Assim, transcendeu a uma função meramente instrumental de relatoria das diferentes atividades realizadas ao longo desse processo de investigação. Segundo [Pezzato et al. \(2019\)](#), o diário de uma pesquisa expressa uma escrita implicada e materializa um dispositivo de caráter investigativo que igualmente contribui para o processo de autoanálise e aprendizado do pesquisador, uma vez que, no diário, ele escreve sobre as suas reflexões, análises, descrições e emoções vividas no trabalho e na pesquisa. Além do mais, aquele que esses autores intitulam de diarista, expressa a sua própria vida, propiciando que

outros possam, ao acessar esses registros, igualmente refletir, construir novas associações entre tudo aquilo que se encontra escrito e o não escrito, entre tudo que é vivido e o não vivido. Enfim, o diário de pesquisa permite explorar a complexidade do tema estudado e o seu extratexto traz a problematização da implicação e, dessa forma, acaba sendo incorporado e analisado dentro da produção científica (Borges & Silva, 2020).

É interessante observar o quanto esse espaço do diário, que foi iniciado de forma tão despreziosa com uma finalidade meramente pragmática, acabou se tornando um relevante “baú” depositário de tantas memórias das minhas vivências, inclusive, aquelas concernentes ao período de enfrentamento da pandemia da COVID-19.

O psicossociólogo leva consigo, de acordo com Amado (2005), os seus valores, as suas ideologias, os seus afetos, enfim, o seu olhar sobre o mundo que poderá representar obstáculos ao desenvolvimento da pesquisa, especialmente se as pessoas que integram o objeto dela são confrontadas com problemas da mesma natureza. Como afirma Barus-Michel (2005) sobre o pesquisador, este se reconhece como interveniente, com efeitos na situação, traçando os limites, enunciando as regras que garantem um espaço de análise e de elaboração para ele e para outros. Nesse sentido, “clínica, método e ética estão necessariamente associados” (p. 245).

Daí ter sido essencial o movimento de não me ater exclusivamente aos diários de campo, mas também trazer um olhar “externo” ao campo e a mim mesma através de diferentes prismas. Afinal, a clínica não significa ausência de rigor metodológico, mas um esforço contínuo de conhecimento acerca dos elementos introduzidos na situação que permita a transferência suficiente para provocar a emergência do que é objeto de desconhecimento (Barus-Michel, 2005).

O segundo dispositivo que empreguei visando à análise das implicações se deu no campo das relações interpessoais em distintos espaços e momentos. Refiro-me primeiramente à relação dual com a orientadora que me propiciou identificar alguns achados importantes e dialogar, juntamente com

os meus diários, sobre os desafios enfrentados em cada uma das etapas da pesquisa. Enfatizo o quanto a minha relação interpessoal com a minha orientadora e meus laços afetivos com o grupo de pesquisa me proporcionaram uma acolhida afetuosa e o reconhecimento ao trabalho (Dejours, 2012) ao qual eu me dedicava, importante para torná-lo mais ameno naquelas circunstâncias psicossociais. Um exemplo disso foi quando partimos da discussão, durante o horário da supervisão, de um dos sonhos que havia sido registrado em meu diário de campo.

Ali foi possível observar o quanto os aspectos simbólicos envolvidos no referido sonho nos permitiram ter uma maior compreensão sobre a dinâmica institucional e as relações intersubjetivas estabelecidas no campo de pesquisa. Entretanto, cabe destacar que tal entendimento somente foi possível graças à relação de confiança estabelecida entre mim e a orientadora. Aliás, a dimensão de relação interpessoal entre professor e estudante não poderia ser deixada de lado, mas, muitas vezes, acaba sendo pouco valorizada no campo da construção do conhecimento.

Outro dispositivo empregado na análise da implicação se constituiu a partir de espaços de reuniões de equipe da Linha de Pesquisa² na qual faço parte. Esse grupo de estudos de discussões teórico-conceituais contribuiu para um maior entendimento de alguns fenômenos intersubjetivos, grupais e institucionais que foram incorporados também à análise da minha implicação. Além disso, em virtude dos laços afetivos e sociais desse pequeno grupo, nossos encontros foram imprescindíveis para a garantia da minha saúde psíquica durante o período da pandemia da COVID-19, ainda que, muitas vezes, não abordássemos temas diretamente relacionados ao meu objeto de estudo.

A participação em um grupo de convivência ofertado aos alunos da pós-graduação, no período da pandemia da COVID-19, em que a participação era voluntária, foi igualmente preciosa para a análise da minha implicação. Tratou-se de um pequeno grupo coordenado por duas professoras da referida Linha de Pesquisa que se reunia inicialmente uma vez por semana e depois, em comum acordo com todos os seus integrantes, quinzenalmente. Neste dispositivo de caráter temporário e não psicoterápico, cada um dos integrantes do grupo vivia momentos diferentes em suas respectivas pós-graduações.

²Linha de Pesquisa “Subjetividade, Gestão e Cuidado em Saúde” coordenado pela professora Marilene de Castilho Sá (DAPS/ENSP/FIOCRUZ).

Naqueles encontros, tivemos a oportunidade de expressar os afetos envolvidos tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal, no contexto da pandemia. E estreitamos o nosso vínculo ao narrarmos, e trocarmos entre nós, as nossas preocupações, esperanças, desilusões e angústias frente ao futuro, tanto do projeto acadêmico quanto da própria vida. Para além de compreender inúmeros dos obstáculos que eu mesma construía para desenvolver a minha pesquisa, esses encontros foram muito importantes devido ao fato de me possibilitarem resistir subjetivamente àquele momento social tão conturbado e sombrio.

Por fim, cabe fazer um destaque para outro recurso importantíssimo que foi a oportunidade e o privilégio de levar questões emergentes ao longo da minha trajetória acadêmica para a minha própria psicoterapia individual. Desse modo, todos esses dispositivos assinalados, tanto individuais quanto grupais, se constituíram instrumentos cruciais para a análise das minhas implicações envolvidas ao longo da realização dessa investigação.

Resultado e discussão

Os efeitos da implicação nas etapas da pesquisa

A inspiração nos rios e a implicação: uma breve nota

O rio e toda a sua abundância, que com seus desvios e excessos transbordantes, entre a beleza de seus córregos e quedas d'água, arrebatava a nossa imaginação sobre a exuberância da potência de vida e o seu avesso ameaçador da sua potência de morte. Os rios podem ser aparentemente plácidos, mas suas correntezas desconhecidas e eventualmente perigosas podem tragar as pessoas silenciosamente, como a invisibilidade do sofrimento e adoecimento psíquico no trabalho que constituía parte do meu objeto de estudo. De mais a mais, os rios tais quais os sujeitos da pesquisa e a instituição hospitalar, são diversos e singulares com seus respectivos cursos e ritmos,

mesmo que possam, em algum momento, se interconectar, se unir e desaguar no mar. Daí adveio a ideia de atribuir os nomes dos rios do Brasil tanto aos indivíduos participantes quanto ao hospital que constituiu o campo de investigação.

Indaiá³, sujeito do estudo que se encontrava em processo de retorno ao trabalho após licença psiquiátrica, ao ser demandada por colegas e chefias para continuar trabalhando, narra o seguinte:

"[...] Mas eu já estava num processo depressivo e aí eu já entrei com a medicação e fui meio que 'tocando o barco' [...] Então, eu comecei a ter todo um processo meio que ruim, emocional ruim. E aí ali sim eu me encarei: "Gente, eu estou com depressão!". E aí eu mudei de psiquiatra. Fui pra um outro médico e aí ele mexeu todas as medicações [...]"

Trazia nesta expressão verbal ("tocando o barco"), então, o sentido de ser demandada a dar prosseguimento com a sua atividade laboral como se nada tivesse acontecido em sua vida ou na instituição. Em outras palavras, era como se o fato de ter sido afastada após grande sofrimento e adoecimento psíquico não fossem considerados relevantes por aqueles que se encontravam a sua volta, no trabalho. Não apenas a sua dor não era reconhecida como legítima, como também ela percebia ser exigida, pela instituição, um ritmo de trabalho durante o retorno absolutamente dissonante de seu próprio tempo psíquico. Outro aspecto dessa metáfora é que pode remeter à solidão e insegurança de se conduzir um transporte que não depende apenas de seu condutor, mas também de fatores externos (condições climáticas, por exemplo).

Juruena⁴, outro sujeito da pesquisa que também se encontrava em processo de volta ao trabalho após licença psiquiátrica, narrou que, várias vezes sentiu que o seu sofrimento era invisibilizado por colegas e chefias. No entanto, na última vez que voltou à atividade laboral, passou a participar de um grupo de apoio oferecido pelo núcleo de saúde dos trabalhadores desse hospital e contou o que pensava dessa experiência:

^{3,4}Nome fictício atribuído ao sujeito de pesquisa de acordo com os termos de confidencialidade inerentes à pesquisa.

*"[...] Porque a gente vê que não é só você que tem os problemas [eles] são muito parecidos, as questões são quase as mesmas, as queixas também são muito parecidas. **Aí você vê que o barco, que você não está sozinha no barco** (grifo nosso). São várias pessoas e você nem está maluca também. São várias pessoas que veem, assim, que sofrem essas injustiças, essa falta de olhar pro funcionário. Porque é um ser humano que está ali também que precisa de um olhar, às vezes, que está doente, está deprimido [...]"*

Ao contrário de Indaiá que narrou o seu sentimento de solidão e desamparo durante a sua volta ao trabalho, Juruena demonstrou que a sua participação no referido grupo a fez deixar de lado essa percepção de que não era escutada e sentir que não se encontrava mais desamparada do ponto de vista institucional, uma vez que outras pessoas apresentavam questões similares às suas, ou seja, também haviam passado por sofrimento e adoecimento no trabalho.

No tocante às entrevistas realizadas para a pesquisa em questão, quando tornei a ler o meu Diário de Campo, observei que apesar dos sujeitos mencionados apresentarem perspectivas diferenciadas em torno do tema abordado (retorno ao trabalho após licença por depressão), ambos transformaram, para mim, os rios em intensa fonte imagética que empreendeu a minha tese com simbologias, não apenas me inspirando, mas também me levando a escrever cada um dos capítulos dela aludindo a tais alegorias. Além da imagem dos rios ter me permitido suportar o fato de eu ter sido testemunha (e precisar escrever) de tamanhos sofrimentos, essa imagem embutia a percepção de um devir e que, portanto, haveria sempre espaço para transformações, para superação do sofrimento e da dor.

A história de vida laboral e a implicação da pesquisadora com o objeto da pesquisa

Considero interessante fazer uma breve narrativa pessoal, a fim de favorecer uma melhor compreensão de um conjunto de acontecimentos que me levou a tecer este caminho de pesquisa. Formei-me psicóloga e ao ingressar no mestrado, no início dos anos 90, tive as minhas primeiras aproximações com as ciências sociais e a psicossociologia. O meu desejo, já nesta época, era investir em atividades voltadas para grupos e

comunidades, o que me direcionou para as inúmeras atividades que fui realizando ao longo da minha trajetória profissional. Foi nesse mesmo período que, ao trabalhar no nível central de um município da região metropolitana do Rio de Janeiro, tive o primeiro contato com o recém-instituído SUS. Atuava no SUS há 14 anos quando iniciei o trabalho como "apoiodora institucional" a hospitais gerais da rede pública, permitindo-me mesclar um olhar gestor com um olhar mais clínico frente aos grupos e à instituição.

O "apoio institucional" diz respeito a "uma postura metodológica que busca reformular os tradicionais mecanismos de gestão e que [...] pressupõe a cogestão, isto é, negociação, mediação de conflitos [...]" (Campos et al., 2013, pp. 51-52). Uma experiência que me trouxe uma maior compreensão acerca da gestão do cuidado a partir da atuação mais direta junto a pequenos grupos, assim como, a vivência de uma rotina de atividades em unidades hospitalares. Essas atividades, portanto, colaboraram para que eu, apesar de lidar com ferramentas gerenciais, não me distanciasse de estar atenta aos elementos concernentes à subjetividade e às relações intersubjetivas como suportes para o cuidado.

Apesar de ter estado sete anos nesta função, fui mais intensamente afetada pelo sofrimento dos profissionais da saúde quando trabalhei na porta de entrada de um desses hospitais, no período de dois anos. A dinâmica de trabalho de um serviço de emergência hospitalar explicita a existência de inúmeros entraves de processos de trabalho de toda a instituição e da própria rede pública de saúde. As pressões, no emprego, são oriundas de diferentes lugares (de outros serviços e direção da unidade, dos pacientes e acompanhantes, dos órgãos de controle social, da mídia, etc.). Nesse período, de um lado, me chamou a atenção o fato de que, embora visivelmente em sofrimento, nem todos os profissionais de saúde adoeciam psicologicamente (Dejours, 1993, 2012). Pelo contrário, alguns diziam gostar de toda aquela movimentação e temiam, inclusive, ser alocados em outros serviços dentro do hospital. Por outro lado, também convivi com pessoas cuja "gota d'água" havia transbordado em crises e sofrimento que culminaram em ter a sua saúde mental comprometida e, em casos extremos, até em tentativa de suicídio dentro e fora do trabalho.

Fiquei do mesmo modo impressionada com o fato de que havia um silêncio no momento do retorno ao trabalho sobre os motivos do afastamento após a licença psiquiátrica. Um “mutismo” que era compartilhado entre os trabalhadores que retornavam, as suas chefias e equipes das quais faziam parte, principalmente nos casos em que havia acontecido tentativa de suicídio. As situações envolvendo adoecimento psíquico, na maioria das vezes, somente eram comentadas durante as pausas para o café e os encontros nos corredores do hospital.

Enquanto trabalhadora da saúde, também me surpreendi negativamente com a insuficiência de cuidado, de um modo geral, com aqueles que são cuidadores, nos serviços de saúde. Então, foi a partir desses estranhamentos e questionamentos acerca da minha própria atividade profissional que se iniciou a elaboração dos primeiros esboços do que viria a se tornar o objeto da minha pesquisa.

Como aborda [Penido](#) (2020), é comum que profissionais dos campos das Ciências Humanas e Sociais busquem espaços de formação para pesquisarem e refletirem sobre o próprio trabalho que realizam. Foi assim que me aproximei da linha de pesquisa anteriormente mencionada, visando encontrar caminhos e estratégias para atuar na realidade hospitalar. Aliás, talvez essa experiência de encontro com o grupo de pesquisa tenha me permitido um maior acesso a elementos que me ajudaram a construir uma compreensão mais integrada das minhas vivências subjetivas nas atividades laborais, dando maior contorno e enquadre as minhas angústias. E o que não é esse maior sentido dado a minha experiência profissional se não outro elemento central na análise da implicação?

Os efeitos da implicação na pesquisa e os efeitos da pesquisa sobre a pesquisadora

No início desta investigação, eu tinha como hipótese, baseada na compreensão de [Gaulejac](#) (2006), que haveria uma vergonha dos trabalhadores em situação de retorno de abordar as próprias vivências de sofrimento e adoecimento no trabalho, o que justificaria um “silenciamento” sobre esse assunto perante as equipes e a instituição. Porém, a partir das entrevistas realizadas, identifiquei que pensar o “pacto de silêncio” apenas sob essa ótica não era suficiente para compreendermos o que mobilizava esse “mutismo” em torno do sofrimento e adoecimento psíquico, especialmente, no processo de retorno ao trabalho.

Entendo, pois, que esse “pacto de silêncio” observado e assinalado pelos entrevistados era resultante do estabelecimento de alianças inconscientes, conceito desenvolvido por René Kaës referente aos acordos inconscientes estabelecidos entre os sujeitos. Este autor aborda as condições intersubjetivas do grupo, trabalhando com a hipótese de que algumas modalidades de recalque se dão na operação de alianças inconscientes ([Fernandes](#), 2004). Tratava-se de um sofrimento decorrente do trabalho e de vivências expressas por alguns entrevistados, não apenas diante do paciente oncológico, mas face aos inúmeros processos de trabalho que precisaram ser modificados por conta da pandemia. Além disso, esses trabalhadores também enfrentavam algumas situações de violência institucional que me fizeram confrontar memórias do período em que atuei na porta de entrada de um grande hospital geral com serviço de emergência aberta à população. Tratava-se de experiências relatadas que eram muito próximas daquelas as quais havia vivenciado.

Então, é possível que o sofrimento que experimentei e testemunhei quando era apoiadora na emergência hospitalar tenha se atualizado, de algum modo, na vivência da pesquisa. Do mesmo modo, que essa atualização tenha reverberado em algumas posturas que adotei como pesquisadora quando, por exemplo, procurei eliminar do texto qualquer indício, na minha percepção, que pudesse levar à identificação dos participantes da pesquisa por seus pares ou chefias. Quando analisei essa minha atitude, identifiquei que, na ocasião, havia sentido uma “excessiva preocupação” de que os sujeitos entrevistados viessem a sofrer alguma represália por falarem acerca de suas questões no trabalho.

Hoje, após reflexões realizadas a partir dos comentários da banca de doutorado, compreendo que ao cortar tantos detalhes, acabei “desvanecendo” alguns traços da singularidade dos sujeitos e contribuindo possivelmente para o “pacto de silêncio” em torno do sofrimento/adoecimento. Por esse motivo, acabei deixando de fora do texto e da análise elementos importantes como gênero, categoria profissional e tempo de trabalho, dados que permitiriam que os trabalhadores pudessem ser representados com mais “corpo e alma”. Esse seria um dos “efeitos”, diferentemente dos anteriores, “negativos” da minha implicação. Na verdade, uma faceta da minha implicação que não foi analisada, na época, com relação ao processo e aos sujeitos da investigação.

Considero, pois, se tratar de um dado que merece especial atenção, já que é mais um indicativo do quanto é preciso recorrer frequentemente às análises da implicação como “ferramenta de destaque na rede de conceitos da análise institucional, sempre dinamizadas, sendo feitas para romper com a naturalização das múltiplas instituições que nos atravessam e constituem” (Nascimento & Lemos, 2020, p. 241). Observei que o contato com os sujeitos e suas questões relativas ao cotidiano dos processos de trabalho, em uma unidade de saúde, suscitaram a possibilidade de eu acessar memórias da minha própria experiência laboral impregnada de afetos positivos e negativos.

[Barus-Michel](#) (2005) assinala que a prática do psicossociólogo se encontra entre a clínica e o sentido. Uma prática que se preocupa em escutar os sujeitos e na qual o pesquisador é tido como um “participante discreto”, um “analista disponível que está também em condições de recolher a experiência, a sua expressão, os seus traços, de compreender as suas sinuosidades, de conduzir a sua evolução” (p. 242). As relações interpessoais com os indivíduos, com a instituição, assim como o aprofundamento de estudos acerca desse tema, me permitiram ressignificar o meu trabalho pretérito e vislumbrar novos caminhos para trabalhos futuros.

A escuta necessária e atenta às vivências de inúmeros paradoxos institucionais me instigou sistematicamente a sair do lugar de mera expectadora ascética para o lugar de uma testemunha que interpela, indaga, suscita questões ao interlocutor. O potencial de transformação do sujeito através da retomada de sentidos e conscientização é decorrente do “reconhecimento do trabalhador como ator social, a atribuição de significação àquilo que ele pensa e compartilha, bem como a relação entre os conteúdos manifestos e latentes emergentes em seu discurso (atravessado pela lógica organizacional)” ([Braz et al.](#), 2020, p. 5).

A forma como desenvolvi a escrita da minha tese, de certo modo, contribuiu para ajudar a ressignificar as frustrações com as mudanças metodológicas e com a própria vivência de catástrofe psicossocial da pandemia à medida que se tornou uma tarefa bastante prazerosa. Desse jeito, tenho como hipótese que, para além da escolha do objeto, o próprio trabalho de escrita da tese traduziu uma das faces da minha implicação em relação à pesquisa. Compreendo, assim, que as alegorias que utilizei em alusão às imagens de rios e de outros elementos da natureza agiram

como importantes mediadores entre o mundo real e o mundo simbólico. Um “entre-mundos” que, muitas vezes, me trouxe conforto e alento durante a escrita solitária da tese, assim como permitiram que alguns dos leitores mais críticos (por exemplo, a banca examinadora e a minha orientadora) entendessem essas metáforas como um refrigerio durante a sua leitura, diante de tantos relatos intensos dos sujeitos e análises contundentes de todo o processo de pesquisa explicitados em seu conteúdo.

Apontamentos finais

Dando mais uma dobra no origami

O presente artigo teve como objetivo apresentar um relato de experiência sobre a análise da minha implicação em uma pesquisa realizada entre o período de 2018 e 2022, trazendo alguns dos sentimentos e reflexões trabalhados durante a construção da metodologia e execução dela. A observação da minha implicação, portanto, foi fundamental para compreender e analisar os resultados da pesquisa, embora estes resultados não sejam o mote deste artigo.

Neste ponto, gostaria de retomar a imagem do origami empregada na introdução deste estudo, pois entendo que em cada etapa da investigação fiz, através da análise da minha implicação, dobraduras juntando pontas inimagináveis e encontrando novos ângulos para olhar o objeto original.

Por conseguinte, os meus diários de campo, as supervisões, reuniões de equipe, grupo de convivência e psicoterapia foram importantes dispositivos para acessar os conteúdos objetivos e subjetivos, os colocando em análise juntamente com os resultados do estudo. E, ao explicitar muitos elementos de afetos e sentimentos vividos nos “bastidores” da minha investigação, me vejo em consonância com um olhar psicossociológico em relação à pesquisa.

Embora seja um conceito basilar na psicossociologia, como afirma [Amado](#) (2005), a implicação é paradoxalmente fonte de conhecimento e de desconhecimento, podendo ocupar lugar tanto nos processos criativos quanto na alienação individual, social e política. Privilegiei, pois, falar, em cada uma das fases do estudo, sobre o meu olhar e sentimentos, na expectativa de demonstrar a importância do acesso

do pesquisador à própria implicação como condição de produção de conhecimento sobre o material produzido no campo e no encontro com os sujeitos da pesquisa. Porque há sempre algo que escapa à consciência e precisamos estar alerta a esse fato, ou seja, sempre haverá aqueles elementos que acabam se tornando enevoados pela ação do inconsciente do observador, o que Amado (2005) considera um processo de “alienação”. Ainda que esta “alienação” possa ser considerada uma fragilidade metodológica para uma pesquisa, o fato de um pesquisador ter conhecimento da existência delas, procurando trazê-las à tona, torna possível ampliar o conhecimento sobre o objeto tratado.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



Referências

- Amado, G. (2005). Implicação. In J. Barus-Michel, E. Enriquez, & A. Lévy (Coord.), *Dicionário de Psicossociologia* (pp. 281–186). Climepsi Editores.
- Barus-Michel, J. (2005). Clínica e sentido. In J. Barus-Michel, E. Enriquez, & A. Lévy (Coord.), A. *Dicionário de Psicossociologia* (pp. 242–250). Climepsi Editores.

- Borges, F. A., & Silva, A. R. N. (2020). O diário de pesquisa como instrumento de acompanhamento da aprendizagem e de análise de implicação do estudante/pesquisador. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 24, Artigo e190869. <https://doi.org/10.1590/Interface.190869>
- Braz, M. V., Casadore, M. M., & Hashimoto, F. (2020). Intervenção em psicossociologia: a construção da escuta e a implicação nas organizações. *Psicologia em Estudo*, 25, Artigo e48468. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.48468>
- Campos, G. W. S., Cunha, G. T., & Figueiredo, M. D. (2013). *Práxis e formação Paideia: apoio e gestão em saúde*. Hucitec Editora.
- Coimbra, C., & Nascimento, M. L. (2008). Análise das implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In A. R. R. Geisler, A. L. Abrahão, C. Coimbra (Orgs.), *Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde* (pp. 143–153). EDUFF.
- Dejours, C. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de Empresas*, 33(3), 98–104. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901993000300009>
- Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo: trabalho e emancipação* (Tomo II). Paralelo 15.
- Fernandes, M. I. A. (2004). Algumas reflexões sobre a negatividade na construção dos laços sociais. *Vínculo*, 1(1), 9–16. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902004000100003
- Gaulejac, V. (2006). *As origens da Vergonha*. Via Lettera.
- Hayasaka, E. Y., & Nishida, S. M. (2008). *Pequena história sobre origami*. UNESP. https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Origami/Documentos/indice_origami.htm
- Kroeff, R. F. S., Gavillon, P. Q., & Ramm, L. V. (2020). Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 464–480. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>
- Lhuillier, D. (2017). O agir em psicossociologia do trabalho. *Psicologia em Revista*, 23(1), 295–311. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p295-311>
- Nascimento, M. L., & Lemos, F. C. S. (2020). A pesquisa-intervenção em psicologia: os usos do diário de campo. *Barbarói*, (57), 239–253. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14675>

- Nunes, C. G. F., & Silva, P. H. I. (2018). A sociologia clínica no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, 6(12). <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.239>
- Penido, C. M. F. (2020). Trabalhador-pesquisador: análise da implicação como resistência ao distanciamento do objeto. *Psicologia em Revista*, 26(1), 380–396. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p369-385>
- Pezzato, L. M., Botazzo, C., & L'Abatte, S. (2019). O diário como dispositivo em pesquisa multicêntrica. *Saúde e Sociedade*, 28(3), 296–308. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180070>
- Pinheiro, E. M. N., Borges, F. A., Lima, N. M. F. V., & Severo, A. K. S. (2022). Análise das implicações profissionais de trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial do interior do Nordeste brasileiro. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 26, e210449. <https://doi.org/10.1590/interface.210449>
- Rodrigues, H. B. C. (2007). René Lourau na UERJ - Análise institucional e práticas de pesquisa - Apresentação. *Mnemosine*, 3(2). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41317>
- Sá, M. C. (2013). Por uma abordagem clínica psicossociológica de pesquisa e intervenção em saúde coletiva. In C. S. Azevedo, & M. C. Sá (Orgs.), *Subjetividade, Gestão e Cuidado em Saúde: abordagens da psicossociologia* (pp.153–205). Editora Fiocruz.
- Sá, M. C., Miranda, L., & Magalhães, F. C. (2020). Pandemia COVID-19: catástrofe sanitária e psicossocial. *Caderno de Administração*, 28, 27–36. <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53596>
- Sévigny, R. (2001). Abordagem clínica nas ciências humanas. In J. N. G. Araújo, & T. C. Carreiro (Orgs.), *Cenários sociais e abordagem clínica* (pp.15–33). Editora Escuta.
- Souza, M. M. P., & Paula, A. P. P. (2021). Transferência e Implicação Subjetiva: Reflexões Psicanalíticas a partir de uma Pesquisa-Ação. *Revista Organizações & Sociedade*, 28(99), 947–971. <https://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9909PT>
- Teixeira, E. S. (2022). *A gota d'água, os transbordamentos e as transposições dos rios: o retorno dos trabalhadores de saúde após afastamento por depressão* [Tese de doutorado, Fundação Oswaldo Cruz]. Arca – Repositório Institucional da Fiocruz. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/55333>
- Turato, E. R. (2013). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas* (6a ed.). Editora Vozes.